

JORNAL: Revista Leitura LOCAL: Quamalara

DATA: 109 / 1961 AUTOR: Marc Berkowitz

TÍTULO: VI Bienal: Primeiras Impressões

ASSUNTO: Berkowitz critica premiação da VI Bienal  
depende Ivan Serpa e Ana Letícia.

♦ **THE GLASS MENAGERIE** — Tennessee Williams —  
Direção de Marcela Cisney, supervisão do autor.  
Elenco: Helen Hays, William Smithers, Nancy Coleman, Leif Ericson. Eis aí uma peça de Tennessee Williams, cujo sucesso no Brasil foi imenso, como no resto, no mundo inteiro. A versão brasileira nos foi oferecida por T.B.C. e teve um elenco de gabarito alto. Lembro-me de que Nidia Licia fazia o papel de Laura. Mas, não carece fazer nenhuma comparação agora. Há muito tivemos esse espetáculo e sua lembrança pode estar prejudicada pelo saudosismo. Vamos ao Theatre Guild e examinemos o trabalho de Helen Hays. Que grande mímica, que mestra é ela, quando na cena inicial, falando à filha, critica, sem dizer uma só palavra, a maneira pela qual o filho engole sua refeição. O virtuosismo de Helen Hays chegou a um ponto em que já não podemos apontar este ou aquele instante, escolher o melhor, censurar o mais fraco. Ela é absolutamente perfeita. Humana, temerosa pelo destino dos filhos, querendo sustentar um sonho, mas intensamente ciente da realidade — eis o ser humano que Helen Hays viveu em «Glass Menagerie» como **A Mãe**. Filho — William Smithers, magnífico e com uma voz muito bem timbrada, Smithers, juntamente com Nancy Coleman, deram o equilíbrio necessário à grande Hays, em cena. Leif Ericson, no rapaz que é amado em segredo e que faz uma visita, está muito bem.

É estranho como em dados momentos, uma peça parece supérflua. Há dez anos, «Glass Menagerie» era um estudo psicológico que nos fazia pensar duas vezes. Neste momento, quando o mundo atravessa uma crise sem precedentes, a evocação desse estudo parece-nos um bizantinismo inexplicável, qualquer coisa que deveria ser guardado para horas menos angustiantes.

Enquanto «The Skin of our Teeth» é ao mesmo tempo, magnífica e oportuna, enquanto «The Miracle Worker» nos parece de singular importância pelo seu sentido positivo de luta, «The Glass Menagerie» — ainda que de uma grave beleza literária, nos acusa certo constrangimento. É como se discutíssemos o sexo dos anjos enquanto os turcos avançam...

**OS FUZIS DA SENHORA CÁRRAR** — TEATRO DA PRAÇA — Bertold Brecht. Tradução de Antônio Bulhões. Direção de José Renato. Cenário de Miguel Hochman. Figurinos de Sorensen.

Numa edição da Ro-ro-ro, nome singular que rotula uma das maiores editôras da Alemanha, tenho em meu poder um livrinho de Brecht. É tão modesto que nem conta na sua vasta bibliografia. Chama-se **Calendário Explicado**. Pois nesse livrinho, onde o autor reuniu contos, crônicas e poemas, vou encontrar a constante de sua peça. Num poema em que ele faz desfilar os figurões da humanidade e depois pergunta aflito: «Mas, quem é que paga as despesas?» — Assim também, em **Os Fuzis da Sra. Cárrar**, Brecht faz pergunta semelhante: «Quem me conserta os sapatos?». Certamente o mesmo que paga as despesas dos figurões palavrosos. A peça focaliza uma família de pescadores, cujo chefe morreu lutando. Em virtude disso, a mãe não permite que seus filhos participem da revolução. Resistindo sempre, seja às palavras insultuosas, seja à zombaria, seja ao que fôr, a Senhora Cárrar mantém-se fiel ao seu neutralismo. Entretanto, quando o filho que pescava pacificamente é eliminado por uma rajada de metralhadora, ela deixa de lado os escrúpulos, as idéias neutralistas e pega em armas para lutar também. Aparentemente o autor leva o público a crer que a neutralidade é absurda. Que ninguém pode ser espectador numa luta dessa natureza. De certa forma, é essa a mensagem de Brecht. Mas, somente de certa forma, ou melhor — a mensagem explícita. Porque ao cair do pano, o espectador encontra-se face a face com uma outra verdade, a verdade implícita. Qual das duas tem maior

artes plásticas

MARC BERKOWITZ

## VI Bienal: Primeiras Impressões

Visitas rápidas, feitas antes da inauguração, permitiram-me obter algumas primeiras impressões, algo fugazes, mas não obstante válidas.

A VI Bienal é imensa e pretenciosa, com alguns pontos altos, mas de nível geral bastante baixo, inferior ao das Bienais anteriores.

Os pontos mais altos desta Bienal — estou me referindo apenas à Bienal das Artes Plásticas — são, sem dúvida alguma, as salas da Alemanha e da Grã-Bretanha. A contribuição alemã consiste nos trabalhos de apenas dois artistas: Bissier e Schwitters, o primeiro, um dos grandes pintores contemporâneos, o último, um marco cintilante e curioso da arte moderna.

Julius Bissier, um homem de quase setenta anos, preferiu viver na penumbra, durante muitos anos. O intimismo, o tamanho pequeno e o colorido baixo de suas obras, são fatores pouco propícios a um grande sucesso popular. Pelo menos assim parece. Mas há um mistério que emana destas quase-miniaturas, um sentido monumental que faz esquecer o tamanho; é um mundo estranho e sereno que nos chama. Não tenho dúvida em afirmar que Bissier é a grande figura desta Bienal, enquanto que Schwitters é uma importante lição sobre o desenvolvimento da arte moderna.

A Grã-Bretanha apresenta apenas um escultor — Lynn Chadwick, e três pintores: Peter Lanyon, Merlyn Evans e William Scott, sendo este último a outra grande figura desta Bienal.

Lembro-me como na II Bienal, mostrando-me alguns trabalhos de Scott, o grande crítico Sir Herbert Read dizia: «Não se esqueça do nome, ele ainda será importante». A pintura de Scott possui esta espontaneidade e este sentido de urgência, que distingue os grandes artistas.

A escultura de Chadwick já é universalmente

validade? A segunda verdade, aquela que ele não diz, mas faz viver em cena é esta: a violência gera a violência. Somente a violência pôde sacudir a inabalável senhora Cárrar e impulsioná-la para a luta. Infelizmente os donos do mundo sabem demais desta verdade. O espetáculo em si foi muito digno, com uma interpretação equilibrada. A senhora Cárrar, tem uma intérprete vibrante em Teresa Raquel. Os cenários bonitos e o filme sobre a guerra na Espanha, arrepiantes e trazendo à lembrança os documentários que de 1942 a 1945 invadiram nossos cinemas, num testemunho implacável do quanto a humanidade é capaz, quando arrastada por uma paixão política qualquer.